

PESOS DIFERENTES PARA INTERESSES DISTINTOS: O SURGIMENTO DA USINA ITAIPU BINACIONAL E O AFOGAMENTO DAS SETE QUEDAS

JhonesDonizetti Mendes¹
Lilia Alvares²
Silmara FornerCalzavara Mendes³

INTRODUÇÃO

O município de Guaíra, localizado no extremo oeste do Estado do Paraná guarda em sua história um sentimento de tristeza e angústia relacionado à construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional (UHIB) (entre Brasil e Paraguai). Quando o turista assiste ao filme de construção dessa usina, fica fascinado com a infraestrutura da obra e com os investimentos em projetos de conscientização ambiental, porém, para muitos guairenses que a visitam, junto ao deslumbramento há também o sentimento de pesar, sendo clara a concepção de que por causa da construção de Itaipu as Sete Quedas (conjunto de quedas d'água com dezenove saltos e sete grandes quedas) foram “afogadas”, em virtude da formação do lago artificial. As Sete Quedas localizavam-se entre os municípios fronteiriços de Guaíra (Brasil) e *Salto Del Guayrá* (Paraguai). Portanto, o objetivo deste trabalho é expor o fato de que com a construção da UHIB, ocorreram inúmeros impactos socioambientais irreversíveis em Guaíra. A justificativa do estudo se dá porque muitos turistas conhecem apenas a história da construção da UHIB enquanto geradora de energia elétrica, do progresso, contudo, pouco se fala sobre a submersão das quedas em Guaíra pela criação do lago artificial de Itaipu. A metodologia terá como escopo levantamentos bibliográficos, análises de imagens/vídeos, entrevistas orais e depoimentos com guairenses da época do acontecimento. A partir de 1919, Guaíra já era uma cidade organizada de grande expressão estadual e nacional, possuindo todos os serviços essenciais.

Em 1920, a Companhia Mate Laranjeiras presenteou Guaíra com a construção de oito pontes (total de 229,10m), com comprimento que variava de 6,90

¹Acadêmico do programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon. jhonesd@hotmail.com

²Acadêmica do programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon. liliapoletti@hotmail.com

³Mestre pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. mara_forner@hotmail.com

a 76,20 metros para que as pessoas pudessem atravessar entre as ilhas, quedas e saltos, como atrativo turístico em seu percurso de até 3.500 metros. O turismo no Parque de Sete Quedas atraía as pessoas a se mudarem para Guaíra, sendo sinônimo de progresso. Em virtude do relevo e da vazão das Sete Quedas, em 1953 passam a ser estudados projetos por engenheiros (nacionais e internacionais) para o estudo do aproveitamento hidrelétrico de Sete Quedas. O projeto mais instigante foi dos engenheiros japoneses que tencionava projetar um muro em semicírculo ao redor das Sete Quedas, assim, a usina funcionaria e as quedas não desapareceriam. Porém, na década de 70 os planejamentos geopolíticos começam a mudar de rumo, pois em vez de construir uma usina hidrelétrica em Guaíra, poupando o desaparecimento das Sete Quedas, pensava-se na construção de uma hidrelétrica no município de Foz do Iguaçu, fazendo fronteira com o Paraguai, denominada Itaipu (que em guarani significa “pedra que canta”).

O processo para a construção de Itaipu tramitou com parecer favorável por parte dos governos brasileiro e paraguaio, firmando deste modo o Tratado de Itaipu (um instrumento para realizar o aproveitamento hidrelétrico do rio Paraná). Sete Quedas, de acordo com o projeto aprovado estava com os dias contados. Iniciaram as obras da Itaipu Binacional em 18 de maio de 1974 com a justificativa de que ela supriria a falta de energia elétrica no Brasil, sendo a maior hidrelétrica do mundo. Cientes do fato de que com a construção da UHIB que represaria o rio Paraná e formaria o lago artificial de Itaipu, as Sete Quedas desapareceriam. De 23 a 25 de julho de 1982 realizou-se o Quarup (a despedida das Sete Quedas pela população, sentindo com pesar seu desaparecimento). Em 19 de setembro do mesmo ano deu-se o fechamento oficial das visitas as Sete Quedas e no dia 4 de outubro, iniciou-se o desmonte das pontes pênséis. No dia 13 de outubro as comportas da UHIB foram fechadas e somente em 20 de novembro é que as águas cobriram completamente as Sete Quedas.

Em 2016, far-se-á 34 anos em que Guaíra e sua população perderam o recurso natural mais belo que possuíam. Guaíra recebeu da Itaipu além da promessa de energia mais barata (que nunca ocorreu), a construção de um centro náutico que não é utilizado para fins náuticos e uma indenização por royalties que considera apenas a extensão proporcional de áreas submersas pela formação do lago, como ocorre com qualquer outra cidade afetada, não considerando a importância das Sete Quedas para o desenvolvimento socioambiental e econômico

de Guaíra. Portanto, pode-se concluir que o município de Guaíra tornou-se área de atração migratória motivada pelo potencial turístico das Sete Quedas, contudo, com o afogamento das Sete Quedas, o município tornou-se uma área repulsiva. Toda esta reflexão causa no guairense o sentimento de perda das Quedas ao visitar a usina de Itaipu.

A CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU BINACIONAL E O AFOGAMENTO DAS SETE QUEDAS

A geografia da região Oeste do Estado do Paraná favoreceu a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional, pois além de um relevo propício possui também uma ótima hidrografia. Isso levou a região a chamar a atenção como solução para se resolver o problema de energia do Brasil.

A possibilidade de aproveitamento do rio para produção de energia acabou gerando sérios conflitos na região, desde perdas de terras, desapropriações, violência, além de outras formas de injustiças, foram vistas na região oeste do estado do Paraná.

Vários trabalhos foram desenvolvidos e ainda são em relação ao tema de estudo. Um dos trabalhos de destaque é a Taipa da Injustiça de Juvêncio Mazzarollo do qual falaremos um pouco neste artigo⁴.

O livro é constituído por inúmeros fatos históricos, principalmente da população que vivia na área alagada pela usina, retrata também as inúmeras injustiças, tanto ecológicas e nativas, como a perda das Sete Quedas, e principalmente as injustiças que sofreram os moradores, com a construção da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional.

Constata-se atualmente, no Brasil uma verdadeira “epidemia de barragens”, em que o argumento da crise energética, ou crise do petróleo aparece muitas vezes como pretexto para uma série de outros interesses comerciais e políticos; eis que a energia

⁴O jornalista Juvêncio Mazzarollo, nascido em 18 de outubro de 1944, natural de Veranópolis é formado em letras em Ijuí, RS. Atuou no Magistério público estadual do Paraná de 1970 a 1978, quando foi sumariamente demitido pelo governador Jaime Canet Jr. por ter criticado o governo em entrevista a imprensa, na condição de delegado da Associação dos professores do Paraná, em Foz do Iguaçu, liderada por Dom Olívio A. Fazza. Nessa função Juvêncio acompanhou o drama das desapropriações da Itaipu, pois as lutas de pequenos agricultores no Oeste do Paraná e a causa indígena, entre outras injustiças, que foi denunciando corajosamente, já que Juvêncio sempre demonstrou convicção cristã e espírito de luta em favos dos menos favorecidos.

beneficiará, sobretudo as grandes indústrias, para as quais convém dispor de massas humanas de mão de obra barata, explorada. Assim também a Itaipu constitui apenas um tentáculo do polvo denominado capitalismo, que vem subjugando, um após o outro, os diversos setores da vida nacional, sempre causando prejuízos à classe trabalhadora. (MAZZAROLO, 2003, p.12).

No principal capítulo, o “tamanho do gigante” o autor acusa o crescimento do capitalismo e sua expansão para o terceiro mundo, como um dos motivos da construção da Itaipu na década de 70.

Segundo Mazzarollo (2003) os estudos que visaram o aproveitamento energético dos Saltos de Sete Quedas de Guairá-PR, foram iniciadas no governo de Juscelino Kubitschek, mas foi em 1961 que apareceu o primeiro esboço. Desde então foram propostos inúmeros projetos, muitos deles não deixaram os paraguaios contentes, somente em 12 de fevereiro de 1967, foi assinado um documento entre o Brasil e o Paraguai, onde os dois governos não mais se preocupavam com o litígio fronteiriço, nem com as disputas territoriais, visando apenas a utilização da potência do Rio Paraná pelos dois países.

Mazzarollo (2003) menciona em seu livro que em 30 de maio de 1970 foram solicitadas às inúmeras empresas de engenharia que apresentassem as propostas para a realização do estudo. A empresa eleita foi o consórcio formado pela Internacional EngineringCopanyInc, (americana) e pela EletroconsultSpa (ELC) (italiana), em 18 de dezembro de 1970, entrando em vigor em 1 de fevereiro de 1971, após estudos de aproveitamento do potencial energético, sendo aprovado o que hoje conhecemos como Itaipu, mas foi em 1973, que foi dado o passo decisivo, com a assinatura do tratado de Itaipu pelos governos brasileiros e paraguaios, prevendo a construção de uma empresa binacional construída oficialmente em 17 de maio de 1974, ocorrendo no mesmo ano da instalação do canteiro de obras, começando a ser construído em maio de 1975.

Em 1982 concluída a construção da barragem, foram fechadas as comportas formado o lago de 1350 Km² em 14 dias, seguido da instalação dos equipamentos eletromecânicos, o primeiro gerador entrou em operação em 5 de maio de 1984, e o último, o 18º em 6 de maio de 1991.

Inúmeras modificações ocorreram no Rio Paraná, o que era Rio violento e traiçoeiro virou um lago de águas brandas e tranquilas, o empreendimento foi monumental, atualmente com a capacidade de 29 bilhões de m³ de água que cobre

1460 km² de terra, sendo necessária a desapropriação de 60.000 pessoas para a formação da represa, utilizando na fase mais intensa de mão de obra para a construção da usina cerca de 40.000 trabalhadores. Evidentemente toda essa grandiosidade teve um preço, inicialmente de UU\$ 2,5 bilhões, mas que acabou custando aproximadamente UU\$ 20 bilhões, este aumento no custo da obra se deu por força do desperdício e corrupção. Toda essa grandiosidade numérica produzindo uma enorme quantidade de energia, era dividida igualmente entre Brasil e Paraguai, o que daria ao País vizinho, a oportunidade de exportar energia elétrica, um trunfo para o desenvolvimento do país, já que a parte que lhe cabia era mais que suficiente para os pouco mais de 3 milhões de habitantes do país. (Mazzarollo, 2003).

A região afetada era uma área muito produtiva, o que gerou ainda mais desavenças em relação às desapropriações. Os problemas que começaram a surgir variaram desde a perda de investimentos nos municípios, estabelecimentos comerciais, indústrias, estradas, agropecuária, além dos investimentos relacionados à produtividade da terra, para torná-las mais produtivas, problemas que na maioria das vezes não foram levados em considerações. *“Afetando então uma área de 13,90% dos municípios atingidos e as terras ocupadas pela Itaipu são classificadas entre as mais férteis do mundo”* (MAZZAROLLO, 2003, p.31).

Observa-se que a região era muito produtiva, e segundo as análises de Mazzarollo (2003) o setor agrícola desta região deixou de produzir 210.000 toneladas por ano de soja, milho, mandioca, trigo, feijão, arroz e café (considerando a produção da época). Mas a cidade que mais sofreu em matéria de perda em investimento, foi Guaira, que perdeu a condição de polo turístico internacional, em consequência da submersão de Sete Quedas e do Parque Nacional adjacente, perdeu também parte de sua área urbana, o porto de transporte fluvial, estaleiros, olaria, uma pequena hidroelétrica, uma reserva de camping, além de hotéis e restaurantes que atendiam aos turistas. A cidade de Santa Helena ficou semi-ilhada, comprometendo sua expansão, o sistema adutor de água foi afetado pela elevação do lençol freático, alagamento de poços e contaminação de águas subterrâneas o mesmo acontecendo com o distrito de Porto Mendes.

Já a cidade de Foz do Iguaçu tornou-se próspera com a construção da Usina, como sede do canteiro de obras da barragem, a cidade sofreu um repentino e improvisado crescimento populacional e econômico.

Quando as obras da usina foram iniciadas, a população do município era de cerca de 35.000 habitantes: em menos de cinco anos, esse número saltou para cerca de 140.000. Uma avalanche humana ocorreu de todas as partes rumo ao no eldorado, numa busca frenética por oportunidade de trabalho diretamente na obra ou no suto de crescimento da cidade nos setores de comércio, turismo, exportação e construção civil. Havia fartura de trabalho e dinheiro (MAZZAROLLO, 2003, p.33).

O drama das desapropriações foi vivenciado por muitos, o custo da construção da barragem aliado ao afogamento das Sete Quedas, causou um transtorno muito grande para a população. O transtorno e o drama pode-se afirmar, foi tão grande quanto o tamanho da própria hidrelétrica.

Os trabalhadores expulsos de suas terras as margens do grande lago de Itaipu, nunca receberam indenizações pelas benfeitorias destruídas pelo lago. Esses trabalhadores foram despertados pelo Movimento Justiça e Terra, formado por agricultores que lutavam pelo pagamento justo de indenizações de Itaipu e que deu origem ao MASTRO (Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná), que mais tarde tornou-se o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), que em 1.985 realizou em Curitiba seu primeiro Congresso Nacional. (ALVARES, 2004, p. 26).

Mazzarollo (2003) aponta que cerca de 60.000 pessoas, brasileiros e paraguaios foram obrigados a deixar suas terras, casas e benfeitorias e lançarem-se na luta pela reestruturação de suas vidas, famílias e comunidades. Os que tinham propriedade foram indenizados e entre estes houve poucos que conseguiram fazer bons negócios a maioria se arruinou, havendo também muitos que nada possuíam (posseiros, arrendatários, empregados e boias frias) e estes tiveram de abandonar a área de mãos vazias, lançados a própria sorte, sendo que todos os pagamentos de desapropriações ficaram sob a responsabilidade da Itaipu.

As construções de barragens em todo o mundo causam desastres ambientais, e a expulsão de milhares de pessoas de suas casas, no Brasil segundo o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), mais de um milhão de pessoas já foram expulsas de suas terras devido às construções de hidrelétricas, alagando 3,4 milhões de hectares de terras. O setor elétrico também é responsável por 30% da dívida externa. (ALVARES, 2004, p. 26).

Ao longo das construções observa-se que a população local tentou ao máximo resistir, não apenas pelo baixo preço que ofereceram por suas propriedades, suas terras, mas pelo valor sentimental do lugar, assim como valores culturais e sociais que foram construídos ao longo de muito tempo, com grande esforço e muito trabalho, e que são valores incalculáveis, impossíveis de serem indenizados.

Assim, foi o drama de várias pessoas que foram obrigadas a abandonar o lugar onde haviam criado raízes profundas.

A questão econômica geralmente a mais enfocada, não é a mais grave nem a mais sofrida. Os danos e sofrimentos maiores são de ordem cultural, social e afetiva, especialmente para os idosos que tem dificuldade de adaptação a um novo meio. (...) Os desapropriados passaram por um teste de fogo, de desmanchar uma casa, abandonar um empreendimento, uma obra realizada ao longo do tempo e que está dando bons resultados, ainda que o seu valor material seja devidamente pago, indenizado e mais triste ainda é romper laços de união, amizade e cooperação entre familiares, parentes e amigos em toda a diversidade e profundidade de interação consolidada ao longo de anos e anos de convívio. (MAZZAROLLO, 2003, p.44-45).

Os moradores lutaram até o fim, para tentar suas merecidas indenizações tiveram a colaboração de entidades religiosas, e apesar do momento histórico marcado pelo Regime Militar, a população recebeu apoio da Igreja. *“A Igreja sempre esteve presente na luta dos desapropriados de Itaipu e um dos seus maiores protestos realizados são as Romarias da Terra que existem em toda a América Latina. A Romaria é organizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT)”* (ALVARES, 2004, p. 27). Neste marcante período tivemos os movimentos Sociais que foram ganhando destaque, como é o caso do Movimento Justiça e Terra.

O Movimento Justiça e Terra surgiu no final da década de 1970, época politicamente marcada pelo regime militar e economicamente caracterizada pelo chamado “milagre econômico”, em que, com a ajuda externa, houve um salto qualitativo e quantitativo na economia brasileira. O Movimento Justiça e Terra trata-se de um conflito inserido no contexto de uma sociedade dividida em classes, com interesses diferenciados. Portanto, contrapõe-se o Estado – representado pela Itaipu Binacional – e a população desapropriada. Surgido no final da década de setenta caracteriza-se por um forte envolvimento do Estado nos conflitos de terra com produtores, em

geral, pequenos produtores que começam a se organizar enquanto classe para resistirem à expropriação. (GATTERMANN, 2006, p.10).

A luta junto ao movimento ganhou impulso maior e se concentrou em duas frentes: JUSTIÇA pela avaliação dos valores das propriedades e a TERRA pela disposição dos desalojados. Os movimentos sociais organizados pela igreja como a CPT (Comissão Pastoral da Terra) serviu de apoio para os desapropriados para reivindicar seus direitos junto a Itaipu.

Os desapropriados lutaram muito, fizeram inúmeras manifestações, e contaram com apoio da igreja e dos movimentos sociais para conseguir o que era de direito, o valor pago de forma correta por suas respectivas propriedades. Mas infelizmente a maioria não conseguiu, apesar da grande luta, muitos foram mandados para longe, Acre, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, pois as indenizações pagas não eram o suficiente para comprar novas terras no Paraná. Assim, foram obrigados a procurar por terras muito longe de casa, aonde chegaram ao novo destino sem nenhuma estrutura, muitas vezes somente com seus pertences pessoais.

A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu promoveu várias mudanças e transformações. Modificou a geografia local, houve uma transformação social, realizou sonhos para aqueles que chegaram para trabalhar na Usina, mas também modificou os sonhos e planos de muitas pessoas que perderam suas casas, estabelecimentos comerciais e propriedades. Trouxe progresso, e também o desfez, como no caso da cidade de Guaíra-PR que acabou perdendo sua maior preciosidade, as Sete Quedas, uma maravilha criada pela natureza.

CIDADE DE GUAÍRA-PARANÁ E A MEMÓRIA DAS SETE QUEDAS

A cidade de Guaíra-PR está localizada no extremo oeste paranaense, o município conta com uma população de aproximadamente 30.704 habitantes, segundo dados do IBGE (2010)⁵ e ainda de acordo com o órgão, a economia é baseada principalmente no setor de serviços.

Falar de Sete Quedas em Guaíra-PR é algo que está na memória dos guaienserenses, não importa se é adulto ou criança, sempre existe quem conhece a

⁵ Disponível em: www.ibge.com.br

história, ou até mesmo quem já ouviu falar. Não importa a idade, a história está presente e, ela é contada e repassada de geração por geração.

Cresci ouvindo meus pais e avós falarem do tempo bom o das Sete Quedas, época que não faltava emprego, a cidade era movimentada, e se quedas ainda existissem Guaíra teria tomado outro rumo no desenvolvimento. (ALVARES, 2004, p.01).

As grandiosas quedas contribuíram em grande parte para o surgimento de Guaíra-Pr. As Sete Quedas eram uma verdadeira obra de Deus, seus lindos saltos e quedas encantavam a todos que a conheciam, uma verdadeira maravilha da natureza. Era formada por 19 saltos e compostas por 7 grupos de quedas.

As águas que formam o Rio Paraná, ao chegar a Guaíra, encontravam um obstáculo natural, a carcaça da Serra do Maracajú. O grande "Platô" de Rochas Basálticas, de origem vulcânica, fez as águas recuarem e se alastrarem invadindo as margens e criando várias centenas de ilhas. A oito mil anos aproximadamente, segundo estudos geológicos, as águas após vencerem a Serra do Maracajú, encontraram um tipo de rocha menos resistente. fato este, permissivo para que o trabalho constante das águas provocassem uma erosão nas rochas, formando diversas ilhas e fortes corredeiras. À medida que a erosão avançava em profundidade, o leito natural do rio foi se transformando até se localizar as margens da Cidade de Guaíra, criando um "Canyon" de 70 metros em largura mínima e uma profundidade entre 150 a 170 metros (ALVARES, 2004, p.11).

Algumas imagens ainda podem ser vistas no museu na cidade de Guaíra-PR, que ainda guarda um acervo importantíssimo sobre a história da cidade na época das grandiosas Sete Quedas, além de inúmeras imagens que podem ser visualizadas na internet.

Alguns moradores mais antigos como é o caso do senhor Delci Alvares Minueza, que vive na cidade desde 1956, conheceu e amou as Sete Quedas, guarda com muito carinho o calendário de 1983 (figuras 1-2-3). Segundo o senhor Delci que visitava as Sete Quedas quase todos os domingos, conta que "nunca viu algo tão bonito em sua vida".



FIGURA1: Calendário do ano de 1983.
Fonte: Acervo pessoal do Sr Delci Alvares Minueza.

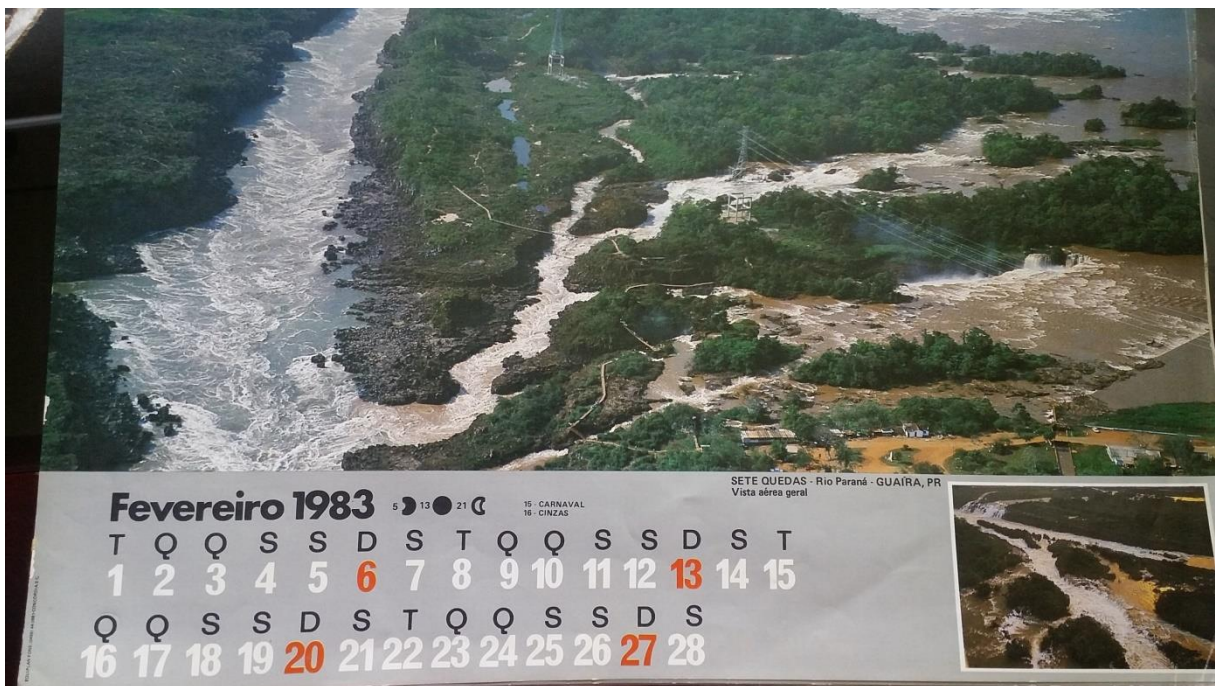


FIGURA2: Calendário do ano de 1983.
Fonte: Acervo pessoal do Sr Delci Alvares Minueza.



FIGURA3: Calendário do ano de 1983.
 Fonte: Acervo pessoal do Sr Delci Alvares Minueza.

O afogamento das Sete Quedas ficou na lembrança até mesmo do escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade com belíssimo poema. Drummond escreveu o Poema “Adeus as Sete Quedas” no ano de 1982, e pode-se observar no poema a inconformidade com a destruição das lindas Quedas, que era vista como patrimônio natural do povo brasileiro.

Adeus as Sete Quedas

Sete quedas por mim passaram,
 e todas sete se esvaíram.
 Cessa o estrondo das cachoeiras, e com ele
 a memória dos índios, pulverizada,
 já não desperta o mínimo arrepio.
 Aos mortos espanhóis, aos mortos bandeirantes,
 aos apagados fogos
 de Ciudad Real de Guaira vão juntar-se
 os sete fantasmas das águas assassinadas
 por mão do homem, dono do planeta.

Aqui outrora retumbaram vozes
 da natureza imaginosa, fértil
 em teatrais encenações de sonhos
 aos homens ofertadas sem contrato.
 Uma beleza-em-si, fantástico desenho

corporizado em cachões e bulções de aéreo contorno
mostrava-se, despia-se, doava-se
em livre coito à humana vista extasiada.
Toda a arquitetura, toda a engenharia
de remotos egípcios e assírios
em vão ousaria criar tal monumento.

E desfaz-se
por ingrata intervenção de tecnocratas.
Aqui sete visões, sete esculturas
de líquido perfil
dissolvem-se entre cálculos computadorizados
de um país que vai deixando de ser humano
para tornar-se empresa gélida, mais nada.

Faz-se do movimento uma represa,
da agitação faz-se um silêncio
empresarial, de hidrelétrico projeto.
Vamos oferecer todo o conforto
que luz e força tarifadas geram
à custa de outro bem que não tem preço
nem resgate, empobrecendo a vida
na feroz ilusão de enriquecê-la.
Sete boiadas de água, sete touros brancos,
de bilhões de touros brancos integrados,
afundam-se em lagoa, e no vazio
que forma alguma ocupará, que resta
senão da natureza a dor sem gesto,
a calada censura
e a maldição que o tempo irá trazendo?

Vinde povos estranhos, vinde irmãos
brasileiros de todos os semblantes,
vinde ver e guardar
não mais a obra de arte natural
hoje cartão-postal a cores, melancólico,
mas seu espectro ainda rorejante
de irisadas pérolas de espuma e raiva,
passando, circunvoando,
entre pontes pênseis destruídas
e o inútil pranto das coisas,
sem acordar nenhum remorso,
nenhuma culpa ardente e confessada.
("Assumimos a responsabilidade!

Estamos construindo o Brasil grande!”)
E patatipatatipatá...

Sete quedas por nós passaram,
e não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
e todas sete foram mortas,
e todas sete somem no ar,
sete fantasmas, sete crimes
dos vivosgolpeando a vida
que nunca mais renascerá.

Quem teve a oportunidade de conhecer a Sete Quedas, sempre vai ter na memória sua grandiosidade e beleza. Seu ruído podia ser escutado a distância, segundo o Sr. Delci Alvares Minueza o auge das visitas das Sete Quedas foi na década de 1960, no entanto, a década de 1980, teve um marco muito significativo, pois já havia sido pronunciado o fim das belíssimas quedas, causadas pela construção da Usina de Hidrelétrica de Itaipu Binacional.

Como já mencionado Sete Quedas ainda vive, na memória dos moradores locais, faz parte das aulas, de história, geografia, artes e demais disciplinas (figura 4 e 5), sua beleza jamais será esquecida.



Figura- 4: Ensinado e repassando a história das Sete Quedas.
Fonte: Arquivo pessoal, 2016.



Figura- 4: Ensinado e repassando a história das Sete Quedas.
Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Após o fim das Sete quedas, a cidade foi reorganizada, com a construção da Ponte Airton Senna, novos bairros surgiram, novas ruas, demandas de serviços e infraestrutura foram sendo criadas. O surgimento do lago também trouxe um pouco de conforto para os moradores desta cidade. Apesar de a cidade ter sido esquecida pelo progresso, ainda existe esperança por parte da população que acredita e investe no setor imobiliário para tentar atender a demanda de novos imigrantes que chegam à região com objetivo de instalar comércio na cidade fronteiriça de Salto de Guairá.

Observa-se de acordo com a pesquisa para esse artigo, que a cidade acabou prosperando um pouco, pois o investimento imobiliário ajudou muito o setor de comércio e serviços gerais. No entanto, a cidade fica fadada à especulação do dólar, quando o dólar, moeda utilizada no comércio do país vizinho está baixo acaba preocupando muito os moradores que dependem desse setor, e sua queda torna-se um efeito dominó na pequena cidade de Guaíra-PR.

Então o que temos da linda e esquecida Guaíra é um sonho de prosperar, de voltar a ser como antes. Que a cidade não seja um polo de contrabando, de violência, de baixa infraestrutura, é preciso ter esperança e muita força, a vontade de crescer é visível no olhar da sociedade guairense.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Graciele. **Guaira e as memórias das Sete Quedas**. 37f. Monografia em Geografia, UNIOESTE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2004

CATTA, Luiz Eduardo Pena. **O cotidiano de uma fronteira: a perversidade da modernidade**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.

GERMANI, Guiomar Inez. **Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu**. Salvador/BA: Editora ULBRA, 2003.

ITAIPU BINACIONAL. **Itaipu Binacional: mais energia para o Brasil**. Foz do Iguaçu, 2004.

MAZZAROLLO, Juvêncio. **A taipa da injustiça: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu**. São Paulo: Loyola, 2003.

SANTOS, Ana Paula dos. **Um Salto ao Passado: Memórias das Sete Quedas**. 1999. p.3. Monografia - Unioeste Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Marechal Cândido Rondon.

GATTERMANN, Beatriz. **Itaipu, a Pedra que Canta o Desespero e o Desencanto dos Agricultores Atingidos pela Barragem**. 55f. Monografia. Especialização em História da Educação Brasileira. UNIOESTE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2006.
http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/monografias/monografia_Beatriz.pdf

Fonte Eletrônica

IBGE. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2016.